nara roesler

são paulo
rio de janeiro
new york

www.nararoesler.art
info@nararoesler.art

àkùko, eiyéle e ekodidé – uma revoada de **alberto pitta**

curadoria galciani neves

nara roesler são paulo
abertura 2 de setembro, 19 – 21h
exposição setembro – dezembro, 2025

Alberto Pitta. *Passado Presente Futuro 2,* 2024. [detalhe]

A Nara Roesler São Paulo tem o prazer de apresentar *Àkùko, Eiyéle e Ekodidé – Uma revoada de Alberto Pitta*, primeira individual do artista baiano na sede paulistana da galeria. Figura central no carnaval de Salvador, Alberto Pitta foi o autor das estamparias de importantes blocos como o Olodum e os Filhos de Gandhy, tendo criado em 1998 o seu próprio bloco, o Cortejo Afro.

A mostra, com curadoria e texto crítico de Galciani, conta com 24 trabalhos inéditos e outros resultantes de sua produção ao longo dos últimos anos, incluindo pinturas e serigrafias sobre tela e um carrinho de cafezinho, em madeira – uma referência aos coloridos carrinhos usados por ambulantes para vender cafezinho em Salvador, e também ao trabalho mostrado na coletiva "A Quietude da Terra: vida cotidiana, arte contemporânea e projeto axé", com curadoria de France Morin, no Museu de Arte Moderna da Bahia, em 2000.

Para a exposição na galeria, Galciani destaca os pássaros presentes na produção pictórica do artista. De acordo com a curadora, os pássaros, "na ampla cultura yorubá os pássaros se apresentam como seres divinos". "São guardiões das comunidades, evocam energia positiva e guiam as pessoas em situações adversas. Esta reunião de obras revigora, assim, o sentido de revoada: voar em bando, como aves da mesma espécie; coreografar no céu uma coletividade; migrar junto; mover-se rumo a um destino certo".

Ela aponta também que três pássaros em especial têm protagonismo nas obras: Àkùko, Eiyéle e Ekodidé. Em suas palavras: "Eles habitam a primeira série de trabalhos, na qual predominam composições em preto, branco, vermelho e amarelo, como se dessem boas-vindas ao público; em seguida explodem em cores vibrantes e composições multicoloridas, para encantar;

e, por fim, acontecem na calmaria de telas brancas – onde distintos matizes de branco compõem o trabalho".

Àkùko "é frequentemente associado a um galo – o mensageiro do tempo, que anuncia o dia, que explica a ancestralidade e afirma a continuidade da vida. Eiyéle é a pomba branca, que traz a paz, a harmonia e a bem-aventurança. Por sua elegância e plumagem, Eiyéle também simboliza honra e prosperidade. Ekodidé é a única pena vermelha de um pássaro ou o papagaio, um símbolo de proteção, vitalidade, realeza. Sua pena é um elemento natural e uma presença essencial nos rituais de iniciação, para afastar energias negativas e consagrar objetos", conta Galciani Neves.

Ela complementa: "Apresentar esses seres no campo da arte é acreditar que sua revoada pode ser um sopro de transformação para reanimar os ares, reorganizar os pensamentos, renovar as esperanças, refazer as conexões. O gesto artístico e insurgente de Pitta – como nos diz a poeta, pesquisadora e dramaturga brasileira Leda Maria Martins – é um dos que mais transformam, pois afetam as imagens estéticas inscritas como únicas e verdadeiras. Por isso, trata-se de um gesto que, por refazer as narrativas e apresentar novos caminhos para enxergar o mundo, nos mobiliza a viver com esperança ("o fermento da revolução", o que faz emergir o novo, segundo o filósofo e professor sul-coreano Byung-Chul Han) e nos encoraja a reivindicar ambientes onde possamos celebrar, nos alegrar e regozijar".

No dia da abertura da exposição ocorrerá também o lançamento do livro *Alberto Pitta*, editado pela Nara Roesler Books, dedicado a obra do artista. Com 152 páginas, a edição bilíngue (português/inglês) inclui o texto de Galciani Neves para a exposição, além de uma entrevista dada pelo artista a Jareh Das, curadora que vive entre a África Ocidental e o Reino Unido e introdução é de Vik Muniz, amigo do artista desde que ambos participaram da já mencionada exposição "A Quietude da Terra: vida cotidiana, arte contemporânea e projeto axé", com curadoria de France Morin, no Museu de Arte Moderna da Bahia, em 2000.

sobre alberto pitta

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhy e o seu próprio, o Cortejo Afro.

Sua produção de estamparias teve início na década de 1980. As mesmas apresentam signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia lorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano. Nas palavras do curador Renato Menezes: "De fato, signos, formas e traços que evocam grafismos tradicionais africanos encontraram, sobre seus tecidos, um lugar privilegiado de educação das massas e de contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se organiza no conjunto de padrões e cores que reinterpretam a cosmovisão yorubá, a leitura, por outro lado, diz respeito à relação estabelecida no contato entre corpos em movimento, quando as ruas da cidade viram terreiro. Pelas dobras dos tecidos que cobrem os foliões percorre um alfabeto de letras e afetos, mobilizados pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa".

Alberto Pitta participou de importantes mostras dentro e fora do Brasil. Dentre as individuais, se destacam: *Outros Carnavais*, na Nara Roesler (2024) no Rio de Janeiro, *Mariwó*, na Paulo Darzé Galeria (2023), em Salvador e Eternidade Soterrada, organizada pela Carmo & Johnson Projects (2022) em São Paulo. Dentre as coletivas, se destaca sua participação na 36ª Bienal de São Paulo (2025); 24ª Bienal de Sidney (2024); *Lélia em Nós: Festas Populares e Amefricanidade*, no Sesc Vila Mariana (2024) em São Paulo; *Stirring the Pot*, na Casa da Cultura da Comporta, em Portugal; *O Quilombismo: Of Resisting and Insisting. Of Flight as Fight. Of Other Democratic Egalitarian Political Philosophies*, na Haus der Kulturen der Welt, em Berlim, na Alemanha (2023); *Encruzilhada*, no Museu de Arte Moderna de Salvador (2022), em Salvador, Brasil, e *Um Defeito de Cor*, no Museu de Arte do Rio (2022), Rio de Janeiro, Brasil. Seu trabalho figura em coleções institucionais, como: Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil e Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil.

sobre nara roesler
Nara Roesler é uma das principais galerias de arte contemporânea do Brasil, representa artistas brasileiros e latino-americanos influentes da década de 1950, além de importantes artistas estabelecidos e em início de carreira que dialogam com as tendências inauguradas por essas figuras históricas. Fundada em 1989 por Nara Roesler, a galeria fomenta a inovação curatorial consistentemente, sempre mantendo os mais altos padrões de qualidade em suas produções artísticas. Para tanto, desenvolveu um programa de exposições seleto e rigoroso, em estreita colaboração com seus artistas; implantou e manteve o programa Roesler Hotel, uma plataforma de projetos curatoriais; e apoiou seus artistas continuamente, para além do espaço da galeria, trabalhando em parceria com instituições e curadores em exposições externas. A galeria duplicou seu espaço expositivo em São Paulo em 2012 e inaugurou novos espaços no Rio de Janeiro, em 2014, e em Nova York, em 2015, dando continuidade à sua missão de proporcionar a melhor plataforma possível para que seus artistas possam expor seus trabalhos.

àkùko, eiyéle e ekodidé – uma revoada de **alberto pitta**

abertura
2 de setembro, 19h–21h

exposição
setembro – dezembro, 2025

nara roesler são paulo
avenida europa, 655

contato para imprensa
paula plee
com.sp@nararoesler.art